

# LAZER E FUTEBOL: O TORCEDOR NO ESTÁDIO

Milena Avelaneda Origuela

Cinthia Lopes da Silva

Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar quais os significados de se assistir aos jogos de futebol no estádio. O Brasil é conhecido como o país do futebol e esse é o esporte mais famoso e popular entre os brasileiros. A maioria dos estudos do esporte enfoca a questão da vivência, no sentido da prática, no entanto, a assistência aos jogos de futebol tem se mostrado tão comum quanto a prática deste esporte. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com base em autores da Educação Física, Antropologia, Sociologia que se centram em um referencial sociocultural. Também realizamos pesquisa de campo com observação participante. A pesquisa de campo foi realizada no estádio de futebol Barão de Serra Negra, localizado na cidade de Piracicaba/SP, durante os jogos do Campeonato Paulista Série A1 em 2013. Pelas observações concluímos que a assistência aos jogos nos estádios proporcionam uma oportunidade de expressão diferente de outros momentos da vida cotidiana, com os gritos, xingamentos e hinos. Além disso, a assistência aos jogos de futebol no estádio está diretamente ligada à identidade do brasileiro e sua paixão.

**Palavras-chave:** Futebol. Estádio. Lazer. Cultura.

## LEISURE AND SOCCER: THE FAN IN THE STADIUM

### ABSTRACT

The objective of this work is to identify and analyze the meanings of watching soccer matches at the stadium. Brazil is known as the country of soccer and this is the most famous and popular sport among Brazilians. Most sport studies focuses on the question of experience, towards the practice, however, watching soccer matches has been so common as the practice. The methodology used was based on literature authors of Physical Education, Anthropology, Sociology focusing on a sociocultural approach. We also conducted field research with participant observation. The field research was carried out in Barão de Serra Negra soccer stadium, located in Piracicaba/SP, during the games of the Paulista A1 Series Championship in 2013. For the observations we conclude watching games in stadiums provide an opportunity of different expression from other moment of everyday life, with the shouts, insults and hymns. In addition, watch soccer games at the stadium is directly linked to the identity of the Brazilian and their passion.

**Keywords:** Soccer. Stadium. Leisure. Culture.

## INTRODUÇÃO

O Brasil é conhecido como o país do futebol. Mas como um jogo pode fazer parte da identidade de uma nação? Sem dúvida, esse é o esporte mais famoso e popular entre os brasileiros. Em qualquer lugar que se vá tem alguém jogando, assistindo ou conversando sobre futebol.

A maioria dos estudos do esporte enfoca a questão da vivência, no sentido da prática, principalmente quando o tema é futebol (STIGGER, 1997; MISKIW, 2012), no entanto, a assistência aos jogos de futebol tem se mostrado tão comum quanto a prática deste esporte. O objetivo deste trabalho é identificar e analisar quais os significados de se assistir aos jogos de futebol no estádio.

O artigo está dividido em duas partes. Na primeira parte: “O futebol como esporte nacional brasileiro”, destacamos características do futebol vistas por várias áreas como a Educação Física, a Sociologia e a Antropologia, com a apresentação desse elemento da cultura como jogo, esporte e rito. O futebol é tematizado o tempo todo, sendo hoje o esporte nacional brasileiro, representando a nação, promovendo uma identidade nacional individual e coletiva. Também trazemos características de esportes nacionais em outros países e como estes podem nos ajudar a entender a paixão dos brasileiros pelo seu futebol. Na segunda parte “A identidade brasileira exposta durante a assistência do futebol nos estádios” trazemos uma breve discussão sobre a assistência aos jogos nos estádios e algumas de nossas observações.

## METODOLOGIA

Este estudo tem protocolo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da instituição de origem sob protocolo 88/12. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica, tendo como base as ideias de Severino (2007), foi efetuada a partir de um levantamento nos Sistemas de Bibliotecas da UNIMEP e da UNICAMP, correspondente às obras de autores da Antropologia, Sociologia e da Educação Física que se centram em um referencial sociocultural. Também foram consultadas as bases Scielo, Portal Periódicos Capes e o site acadêmico Google Scholar. Como filtro utilizamos as palavras-chave combinadas entre si: lazer, futebol, estádio, cultura. A revisão bibliográfica foi realizada de março a agosto de 2012.

A segunda parte da metodologia, a pesquisa de campo, foi realizada no estádio de futebol Barão de Serra Negra, na cidade de Piracicaba, durante jogos do Campeonato Paulista da Primeira Divisão de 2013. Realizamos 3 visitas ao estádio no período de janeiro a fevereiro de 2013. Utilizamos como técnica de pesquisa a observação participante, de acordo com Bruyne *et al.*, (1991) essa técnica nos dá acesso aos fatos tais como são para os sujeitos observados. Foram observados sujeitos que estavam nas arquibancadas durante as visitas realizadas. Para as observações tivemos como base os seguintes pontos: o posicionamento dos torcedores no estádio (se ficavam de pé ou sentados), a identificação se estavam sozinhos ou acompanhados, como estavam vestidos e como se expressavam.

Ao término das observações participantes foi realizada a terceira etapa da pesquisa, referente à análise dos dados coletados na pesquisa de campo. Para isso, nos baseamos nos princípios da etnografia, o que Geertz (2011) compreende por “descrição densa”. Não foi nossa intenção fazer uma “descrição densa” no sentido mais amplo de uma etnografia, nos moldes da pesquisa antropológica, mas utilizamos aqui a etnografia como princípio para a análise que faremos dos dados coletados. A finalidade dessa terceira etapa da pesquisa foi interpretar os aspectos observados dos espectadores que assistem aos jogos de futebol no estádio.

### O futebol como esporte nacional brasileiro

O futebol é um fenômeno tão abrangente que pode ser estudado sob diversas perspectivas. Roberto DaMatta estuda o futebol como um drama e assim analisa o esporte como um modo por meio do qual a sociedade se deixa perceber. O futebol reúne muitas coisas em suas multidensões, é jogo, é esporte, rito e espetáculo. A paixão pelo futebol é tão grande que muitos brasileiros esquecem que ele foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é como a feijoada, o carnaval, o samba, um produto brasileiro. Isso acontece porque provavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva no povo brasileiro. O futebol mobiliza e apaixona as pessoas. É uma atividade dotada de multivocalidade, ou seja, podemos entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista. Embora seja um espetáculo pago, atualmente produzido e realizado por profissionais da indústria cultural que visam objetivos capitalistas, o futebol também promove valores culturais profundos e gostos individuais singulares (DAMATTA, 1982, 1994).

Esses valores culturais podem ser bem percebidos em jogos da Seleção Brasileira, em que o povo, independentemente de sua classe social/econômica, se une num mesmo brado, numa mesma torcida, com as mesmas cores, a mesma alegria e esperança de vitória. Todo o país, paralisado com um único olhar: a sua seleção. Já os gostos singulares individuais podem ser percebidos nos times regionais que arrastam multidões para os estádios, para os bares, as camisas dos times locais vestem seus torcedores, o assunto é sempre um só: seu time.

O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil é uma maneira pela qual a sociedade brasileira fala e se apresenta, além disso, é tematizado o tempo todo. A partir do jogo várias dimensões identitárias são disputadas, negociadas e construídas. O futebol tornou-se o esporte mais praticado e assistido na modernidade e, por isso, transforma-se no grande palco das nações. O drible, o lugar maior da habilidade, da inventividade, da improvisação ao invés da força, eleva o craque como o herói destas narrativas capaz de sobrepor-se à disciplina e a aplicação tática. No caso do Brasil há uma intimidade com os símbolos nacionais por meio do futebol (DAMATTA, 1982; GUEDES, 2002; 2009).

Para afirmar publicamente sua identidade pessoal muitos torcedores utilizam as camisas do seu time como bandeiras ou escudos, mesmo em locais que não sejam relacionados ao futebol, como no trabalho, na escola, em passeios. O interesse do brasileiro com relação ao futebol divide-se em torno da regionalidade das torcidas de diferentes clubes. É um sentimento de ‘comunidade reunida’ em torno de um pertencimento afetivo a um grupo, ou “time de coração” que você pode escolher livremente.

No futebol, o torcedor pode expressar diversos sentimentos como a dor, o confronto, o choro, a emoção, a torcida, a esperança. Toda essa mescla de emoções proporcionadas pelo futebol é especialmente vivenciada ao assistir aos jogos, isso é especialmente notado nos estádios. Mas, para entendermos melhor o que significa o futebol para os brasileiros trazemos três exemplos de esportes modernos que são parte da identidade de alguns países. São eles: o críquete na Índia, o rúgbi na África do Sul e o futebol australiano na Austrália.

Para os indianos o críquete é como o sangue que corre em suas veias, o oxigênio que precisam para respirar, é o que faz a vida valer a pena. Ele ensina valores aos jogadores como o espírito esportivo, liderança, honestidade, entre muitos outros. Não é só um esporte para o indiano, é um modo de expressar seus sentimentos sobre um time, amor para com o herói da vida real. Na Índia jogadores famosos de críquete são vistos como avatares de deuses, heróis ou mesmo cavaleiros. A melhor coisa sobre o críquete é que mesmo com seus limites ele cria uma unidade entre todos os indianos que vai além da religião, sexo, raça, classe social (KHONDKER, 2005).

O críquete representa a lei e a ordem, além de um compromisso com a autoridade e controle das emoções, portanto, foi a maneira ideal para socializar nativos (que eram vistos como preguiçosos e revoltados) em novos modos de conduta intergrupar e novos padrões de comportamento público (APPADURAI, 2005).

Na Índia de hoje críquete é sinônimo de nacionalismo. Como nos diz Nandy (1989), ele é um jogo indiano descoberto acidentalmente pelo inglês. Atualmente o críquete tem sido difundido como esporte nacional indiano e tem alcançado grande repercussão no mundo todo. Por exemplo, a Copa do Mundo de Críquete é o principal torneio de críquete do mundo, realizado a cada 4 anos. Essa competição é a quarta mais vista no mundo atrás apenas das Olimpíadas de Verão, da Copa do Mundo FIFA de Futebol e da Copa do Mundo de Rúgbi.

Na África do Sul a paixão é o rúgbi. O esporte é praticado por todo o país por crianças, jovens e adultos, para muitos, quase uma religião. Além disso, ele representa a união porque hoje pode ser jogado por atletas e gente de todas as classes. Mas não foi sempre assim. Em 1948 foi implantado na África do Sul o Apartheid (vida separada, em africâner), que era um regime no qual os brancos detinham o poder político e econômico, em detrimento dos demais povos, que, além de terem que viver separadamente, não possuíam seus direitos de cidadania assegurados. Durante quase todo o século XX a sociedade sul-africana ficou marcada pela segregação racial. Os negros não podiam frequentar as praias, os bairros, as escolas e as universidades, ônibus e vagões de trem dos brancos. Oficialmente, eram proibidos de pertencer às seleções nacionais de qualquer modalidade esportiva. Por esse motivo a África do Sul foi banida completamente da FIFA e pelo COI (Comitê Olímpico Internacional). O rúgbi sempre foi associado à dominação branca, racista e repressora, visto que era praticado pela elite. O rúgbi emergiu como o esporte da África do Sul branca e era o principal esporte jogado por essa população, mas as raças mistas e os negros assistiam aos jogos (BLACK e NAURIGHT, 1998).

Em 1990, o regime de segregação interna chegou ao fim e, em 1994, Nelson Mandela, negro, líder do Congresso Nacional Africano, foi eleito presidente da África do Sul. Em 1995, o país foi aceito pela primeira vez em uma competição internacional, a Copa do Mundo de Rúgbi e, além disso, o país sediou o megaevento. Embora os Springboks serem formados quase que exclusivamente por brancos, com exceção

de um jogador negro, Chester Williams, pela primeira vez o país era legitimamente representado em nível internacional por uma seleção multirracial. Os sul-africanos estavam unidos e eufóricos em torno de um objetivo em comum: a conquista da Copa do Mundo.

Nesta época, o presidente Nelson Mandela usou o rúgbi como instrumento político para a reconstrução das identidades, sobretudo a nacional. A vitória serviu como elemento de união nacional. O papel do esporte desenvolveu assim uma socialização política, particularmente forjando as identidades nacionais. A Copa do Mundo de Rúgbi é o terceiro megaevento esportivo mais visto no mundo depois dos jogos Olímpicos de Verão e da Copa do Mundo FIFA. O torneio de 2007 teve uma audiência televisiva de aproximadamente 4,2 bilhões de pessoas (Fonte: *International Rugby Board*. Site: [www.irb.com](http://www.irb.com)).

Já na Austrália, o futebol australiano, também chamado de *Aussie Rules* ou *Australian Rules*, é o esporte mais popular. É um esporte de contato, muito parecido com o rúgbi, mas embora pareça uma derivação do rúgbi inglês, o jogo é essencialmente uma invenção australiana. Os australianos são muito orgulhosos de tudo que é '*Australian made*'. Como o '*footy*', ou o '*Australian Football Rules*', eles dizem que o jogo é australiano em sua origem, australiano em seu princípio, e, essencialmente australiano em seu desenvolvimento (VEAL e LYNCH, 2001).

O futebol *Aussie Rules* tem sido para os australianos uma matriz étnica, religiosa e racial para aceitação, embora não seja um caminho fácil para alguns. Independentemente de onde vêm seus jogadores profissionais (brancos ou aborígenes), os espectadores assistem com muita frequência. A cobertura televisiva do *Aussie Rules* é massiva. Com canais abertos às vezes transmitindo 24 horas de '*footy*', a *Australian Football League* assegurou um acordo em 2006 que beirava um bilhão de dólares australianos por quatro anos consecutivos de transmissões em canais abertos e pagos. (Fonte: AFL - Australian Football League - <http://www.afl.com.au>).

Podemos concluir assim que o futebol australiano, o rúgbi para os sul-africanos e o críquete para os indianos são esportes considerados muito mais que um simples jogo. Estas nações respiram estes esportes, vivem em torno disso, usam seu tempo de lazer para praticar e assistir a eles. Isso é muito parecido com o que acontece com o futebol no Brasil, este esporte vai além de ser um simples jogo, ele identifica o povo brasileiro, o Brasil respira futebol.

Segundo Christian Bromberger (2008), os esportes são privilegiados laboratórios de análise dos processos de globalização ou de resistência cultural. Podem ser estudados sob os diferenciados mecanismos de apropriação, tanto sob o ângulo da prática como do espetáculo, bem como por meio da adaptação estilística de práticas exportadas a partir do solo britânico (como é o caso do futebol, do rúgbi e do críquete).

Os esportes modernos para estas nações aqui elencadas são muito mais que um jogo. Sobre esta questão podemos fazer alusão à briga de galos balinesa observada, narrada e interpretada pelo antropólogo Clifford Geertz, em 1958. Com prudência relativizamos as comparações entre os balineses e as sociedades modernas, pois são épocas, realidades e cenários completamente diferentes. Porém, este episódio citado por Geertz (2011) nos dá uma ideia coerente com relação ao esporte e especialmente o futebol como um "jogo absorvente".

Concordamos com Damo (1998) a respeito desta comparação quando ele nos diz que jogadores não são galos nem o futebol uma rinha e, tampouco, os brasileiros são balineses. O esporte, especialmente o futebol não pode ser reduzido a simples metáforas e alegorias. Entretanto, um jogo será sempre um jogo, mais ou menos absorvente de acordo com o risco e a tensão por ele despertado. A briga de galos, o futebol, o rúgbi, o críquete ou o futebol australiano podem ser apreciados somente como um espetáculo, para isto basta que se entenda pelo menos um pouco deles. Porém, eles se tornam "absorventes" ou espetaculares porque podemos identificar nestes esportes a história e a tradição para com suas nações e seus povos.

Especialmente sobre o futebol, podemos dizer que é um jogo "absorvente", no sentido de "não a razão, (...), porque elas são interessantes, a fonte da sua fascinação, a substância da sua profundidade". O jogo absorvente leva os espectadores para "fora do reino das preocupações formais, para reinos mais amplamente sociológicos e sociopsicológicos". O jogo absorvente faz a pessoa agir e falar coisas que no cotidiano não faria.

A briga de galos coloca "[...] em foco essa espécie de experiência variada da vida cotidiana, que a briga de galos executa, colocada à parte dessa vida como apenas 'um jogo' e religada a ela como 'mais do que um jogo'". Podemos aqui nos apropriar desse trecho ao observarmos como o futebol é vivido em nossa sociedade, já que grande parte da sociedade brasileira se revela por meio de uma partida de futebol (VOGEL, 1982; DAOLIO, 1997; DAMATTA, 1982; GUEDES, 2009).

Essas modalidades: o críquete, o rúgbi, o futebol australiano bem como o futebol brasileiro são parte importante da identidade de seus povos, e a partir do estudo destes esportes como um "jogo absorvente" podemos estudar as sociedades. A briga de galos é inquietante não pelos seus resultados materiais, mas

ela une o orgulho à noção do eu, a noção do eu aos galos e os galos à destruição, o que leva à realização imaginativa uma dimensão da experiência balinesa que normalmente não fica muito clara. O mesmo acontece com o críquete na Índia, onde os jogadores são tidos como deuses e heróis; o rúgbi na África do Sul, que promove o orgulho do povo africano com o fim da segregação racial; o futebol australiano na Austrália que se mostra empreendedor e criativo com a invenção de um jogo próprio e o futebol brasileiro, no qual em quatro e quatro anos durante a Copa do Mundo, o país se reinventa e se avalia.

### **A identidade brasileira exposta durante a assistência do futebol nos estádios**

No Brasil, podemos notar um grande público frequente aos jogos nos estádios de futebol. Neste espaço/equipamento de lazer, existe a presença de torcedores comuns e também das torcidas organizadas/uniformizadas. Nos estádios as multidões podem desfrutar de um espetáculo de grande poder de sedução visual e auditivo, e como grupo ou torcida se tornam atores ativos de um espetáculo em espaço aberto. Este é um cenário em que atores e espectadores estão separados, mas são estabelecidos elos sociais e simbólicos. Segundo DaMatta (1994), são estes elos no Brasil que transfiguram o moderno *fan* (de *fanatic* - fanático) em torcedor. Aquele que contorna e retorce o seu corpo para que seu time seja vencedor. O torcedor é aquele que urra dentro do estádio, que cria o espetáculo.

Assistir a um jogo de futebol no estádio proporciona ao espectador a oportunidade da busca à excitação (ELIAS e DUNNING, 1992). Neste equipamento de lazer a pessoa pode ter sentimentos e se expressar de uma forma que não poderia em outros locais de sua rotina cotidiana com suas repressões e regras como, por exemplo, o trabalho ou a casa.

Uma destas manifestações muito comum nos estádios são os xingamentos. De acordo com Toledo (1996) os palavrões proferidos nos jogos de futebol são comportamentos expressivos tão importantes quanto a própria fala, enquanto no cotidiano os palavrões são usados como linguagem e simbolizam conflitos e discórdias. Os palavrões fazem parte do espetáculo como mais um modo de expressão das emoções, alegrias, raiva, tristeza, frustrações.

Toledo (1996) ainda afirma que a utilização de palavrões não pode ser pensada como destituída de sentido ou como uma agressividade gratuita. Eles fazem parte de padrões de conduta e comunicação na expressão dos conflitos, negociações e protestos. É uma maneira dramática de se comportar verbalmente. O autor ainda cita Mauss que trata dessas expressões afirmando que:

(...) todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica (...) (MAUSS, 1979, p.153 *apud* TOLEDO, 1996).

Esta manifestação é própria dos estádios de futebol, seja entre a torcida organizada como entre os torcedores comuns, e são observadas nos momentos de raiva por parte do torcedor/espectador. É um comportamento que dificilmente veríamos na casa ou no trabalho. Para identificarmos melhor esta forma de manifestação nos estádios, escolhemos um especificamente para realizarmos nossas observações. O estádio escolhido para a pesquisa foi o Barão de Serra Negra, localizado em Piracicaba, São Paulo. Este estádio sedia a maioria dos jogos de futebol do Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba (ou mais conhecido como XV de Piracicaba – neste estudo optamos por nos referirmos ao clube como XV de Piracicaba, ou somente XV). Os jogos observados neste estudo foram partidas do Campeonato Paulista de 2013, Série A1, ou Primeira Divisão. A escolha por este local se deve ao fato da facilidade na entrada no local e nosso deslocamento. Para este artigo separamos algumas das observações mais relevantes que chamaremos de cenas.

#### **Cena 1**

Uma das visitas ao estádio aconteceu no dia em que o XV de Piracicaba jogaria em casa. No futebol se utiliza esse termo “jogar em casa” quando um time joga em sua própria cidade. Nesta ocasião notamos que os comentários e conversas pareciam ser sobre futebol, as pessoas conversavam, mas não se olhavam porque não tiravam os olhos do campo. Todos se levantaram para o hino nacional tocado nas caixas de som, mas não se ouviu o público cantando, porém, assim que o hino terminou a torcida organizada (localizada

no estádio na arquibancada oposta a nossa) munida de tambores e bumbos começou a pular, cantando músicas referentes ao time.

Embora o jogo fosse XV de Piracicaba contra o Paulista um senhor se levantou e gritou recepcionando seu amigo: - “Ei corinthiano!”. Ninguém ao redor pareceu se incomodar com um torcedor de outro time ali presente. Assim que o jogo começou a torcida organizada não parava de gritar e cantar: - “Leeeeleleoooo Leeele Leeeeleleoooo Quinze!” e também -“Quinzão eooo, Quinzão eooo”. A torcida organizada, que estava separada dos torcedores comuns começavam a cantar e os torcedores comuns os seguiam cantando as mesmas músicas.

Podemos levantar alguns pontos ao observarmos esta cena. Era de se esperar que ao ser tocado o hino nacional as pessoas presentes no estádio o cantassem, porém isso talvez não faça sentido para elas, que estavam ali para ver o time de sua cidade e não a seleção brasileira. Quando a torcida começa a cantar hinos referentes ao XV isso passa a fazer sentido e mesmo os torcedores comuns cantam junto com a torcida organizada. Outro ponto interessante é que a presença de um torcedor claramente identificado como fã de outro time, no caso o do Corinthians, as pessoas ali pareceram não se importar, a rivalidade naquele momento não era com o time do Corinthians e sim com o time do Paulista.

## Cena 2

Aconteceu um lance em que um jogador do XV perdeu um gol daqueles considerados “imperdíveis”. Vários torcedores começaram a gritar se dirigindo para o técnico do time mandando trocar o jogador. O técnico substituiu o jogador. Algum tempo depois, num momento crítico da partida, os torcedores das cadeiras numeradas começaram a cantar as mesmas músicas da torcida organizada apoiando seu time. O time não conseguia reagir e a torcida comum ficou muito exaltada, gritando: “Vai tomá no cú”, “jogador viado”, “juiz filho da puta”, não parecendo assim se incomodar com algumas crianças que estavam por perto. Conforme se aproximava o fim do segundo tempo os torcedores ficavam muito bravos e xingavam a cada lance ou passes errados. Toda essa irritação passou imediatamente quando o XV fez um gol, todos comemoraram felizes. Mas poucos minutos após o gol marcado o juiz marcou uma falta contra o XV e todos voltaram a se irritar e xingar.

Nesta cena notamos mais uma vez como os torcedores comuns passam a apoiar seu time dependendo de como vai sua eficiência em campo. Os torcedores comuns costumam seguir os hinos, cantos, xingamentos da torcida organizada, se exaltando e se expressando da mesma forma. Na hora do jogo o torcedor comum não parece se diferenciar do torcedor de torcida organizada.

## Cena 3

Cada lance marcado contra o XV pelo juiz foi recebido com assovios, vaias, gritos e xingamentos. Em um dos jogos o XV fez um gol mas o juiz anulou por ter sido feito por um jogador em impedimento e a torcida que ameaçou gritar gol ficou muito frustrada, xingando, reclamando do juiz. O jogo reiniciou para o segundo tempo, e apenas poucos minutos depois o XV fez um gol. Um torcedor se levantou e gritando em direção a outro torcedor disse: “xinga agora seu filho da puta, tá aí”. Mais um gol do XV foi anulado e a torcida foi ficando muito agitada, muitos torcedores levantavam toda hora, sempre para xingar o juiz, técnico e jogador. Um jogador do XV ficou cara a cara com o goleiro, mas perdeu o gol. Os torcedores enlouqueceram, se levantaram e começaram a xingar o jogador. Mais um “erro” do juiz e os torcedores do estádio inteiro cantavam a tradicional: “Ei, juiz, vai tomar no cú!”. Um torcedor gritou: “Meu dinheiro jogado fora!”, ao ver o desempenho do seu time. Os xingamentos prosseguiram até o fim do jogo.

Mais uma vez podemos notar que os torcedores se expressam de maneira diferente do que fariam em sua casa ou trabalho. Dependendo do desempenho do seu time xingam, criticam ou apoiam os jogadores, até mesmo xingando os mais pessimistas, mas que são torcedores do mesmo time.

## Análise das cenas relatadas

Embora esses atributos de levantar, xingar, gritar sejam verificados nas torcidas organizadas isso tem acontecido muito frequentemente em locais onde estão os torcedores comuns no estádio, como podemos notar nas três cenas relatadas. Eles são proferidos num momento de raiva: uma decisão do juiz contra o seu

time, um jogador que perde um gol ou erra um passe etc. Esses comportamentos observados corroboram com Toledo (1996) quando diz que o uso de palavras não pode ser pensado como algo sem sentido ou como uma agressividade gratuita. Eles fazem parte de padrões de conduta e comunicação na expressão dos conflitos, negociações e protestos.

Observando o estádio podemos dizer que o futebol é um jogo “absorvente” (GEERTZ, 2011, p.198), no sentido de “*não a razão, (...) porque elas são interessantes, a fonte da sua fascinação, a substância da sua profundidade*”. O jogo absorvente leva os espectadores para “fora do reino das preocupações formais, para reinos mais amplamente sociológicos e sociopsicológicos”. No futebol o torcedor se envolve, se expressa, chora de tristeza porque seu time fora eliminado do campeonato, grita com o jogador ao cometer um erro, xinga o juiz porque marcou aquela falta perigosa contra seu time, pula de alegria com o gol marcado, canta de felicidade ao ganhar um título. São mesclas de emoções proporcionadas pelo futebol vivenciadas ao assistir aos jogos nos estádios.

Durante a assistência aos jogos de futebol no estádio pudemos ver que as pessoas se identificam com seu time regional. Nestes momentos os valores culturais podem ser percebidos porque independentemente de sua classe social/econômica, os torcedores se unem num mesmo brado, torcida organizada e torcedores comuns estão debaixo de um mesmo escudo, das mesmas cores, da mesma camisa, ambos com a esperança que seu time vença. Esse torcer regionalmente parece acontecer da mesma maneira que os brasileiros em relação ao futebol nacional, os indianos com o críquete, os australianos com seu futebol e os sul africanos com o rúgbi. São esses esportes que o identificam como nação, sua paixão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol é o esporte nacional que mobiliza e apaixona as pessoas, a sociedade brasileira fala e se apresenta por meio dele. Pode-se estudá-lo sob muitos pontos de vista, e o escolhido por nós foi pelo viés da cultura e do lazer. É praticado por muitas pessoas como atividade de lazer e é tematizado o tempo todo. No caso do Brasil, é o futebol que nos faz patriotas, é a identidade brasileira, o país do futebol.

Apresentamos exemplos internacionais refletidos à luz do nosso futebol. Levantamos aspectos de outros esportes praticados em alguns países para tentarmos identificar essa paixão por determinada modalidade esportiva. Destacamos o críquete na Índia, o rúgbi na África do Sul e o futebol australiano na Austrália, e, seja o esporte ‘importado’ da Inglaterra como o futebol, o críquete e o rúgbi, ou, o inventado pela própria nação como o caso do futebol australiano, essas modalidades são para seus respectivos países muito mais que um esporte. Assim como para os brasileiros, essas manifestações corporais tem a ver com sua identidade cultural, seu desenvolvimento político, sua vida, seu lazer, faz parte do cotidiano.

Portanto, com tudo que observamos concluímos que o futebol é um “jogo absorvente”, porque nega à razão, excita, promove paixões e apostas, faz parte da cultura de um povo e este se expressa por meio desse jogo. Os participantes são como que “absorvidos” pelo espetáculo. Além disso, o esporte é um dos principais meios de identificação coletiva na sociedade moderna, fonte de significados, promove novas formas de sociabilidade, privilegia os sentimentos de pertencimento a um determinado grupo social, de identidade coletiva, de presença entre iguais, e é um espaço de sociabilidade.

Após nossas observações notamos ser comuns tanto à torcida organizada como aos torcedores comuns os gritos de apoio ao time e cantos de hinos. No entanto, na maior parte do tempo houveram muitos xingamentos aos árbitros, técnicos e jogadores. Esses atributos eram percebidos especialmente nos momentos de raiva, como por exemplo contra a decisão do juiz, quando um jogador perdia o gol ou errava o passe.

Podemos concluir assim que o futebol faz parte da vida dos brasileiros, e a assistência aos jogos nos estádios significam para os torcedores uma possibilidade de expressão diferente de outros momentos da vida cotidiana. Esta investigação traz novos elementos para outros estudos relacionados a este gênero do lazer, a assistência, tanto em outras localidades como em outras modalidades esportivas.

## REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. Playing with Modernity: The Decolonization of Indian cricket. In: **Modernity at Large: cultural dimensions of globalizations**. 7ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.
- BLACK, D.R.; NAURIGHT, J. **Rugby and the South African Nation: Sport, Cultures, Politics, and Power in Old and New South Africa**s. United Kingdom: Manchester University Press, 1998.

- BROMBERGER, C. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, jul/dez, p. 237-253, 2008.
- BRUYNE, P. *et al.* **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. 3ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- DAMATTA, R. Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: **Universo do Futebol: Esporte e sociedade brasileira**, Pinakotheke, 1982.
- DAMATTA, R. Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista Dossiê Futebol**, São Paulo: USP, n.22, jun/jul/ago, p.10-17, 1994.
- DAMO, A.S. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores**. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social] - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- DAOLIO, J. **Cultura: educação física e futebol**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro/RJ: LTC, 2011.
- GUEDES, S.L. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: **Anais do Encontro Anual da ANPOCS**, XXVI, s.ed., Caxambú, 2002.
- GUEDES, S.L. Que “povo brasileiro” no campo de futebol?. **Revista Razón y Palabra**, n.69, ano14, jul/ago/set, s.p., 2009.
- KHONDKER, H.H. **Cricket, Colonialism, Culture, And Cosmopolitanism**. National University of Singapore, 2005.
- MISKIW, M. **Nas controvérsias da várzea: Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre**. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2012.
- NANDY, A. **The Tao of Cricket**. London: Viking, 1989.
- SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.
- VEAL, A.J.; LYNCH, R. **Australian Leisure**. 2nd edition. Australia: Pearson Education, 2001.
- VOGEL, A. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, R. (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- STIGGER, M. P. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, ano IV, n.7, p. 52-66, 1997.
- TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs,1996.

Rua Boa Morte 1532  
Centro  
Piracicaba/SP  
13400-140